

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Eng **JULIANO JORGE TENÓRIO TAVARES**

**As ações da Rússia no enfrentamento da sanções
econômicas impostas pela União Europeia e pelos
Estados Unidos da América no contexto do conflito na
Ucrânia**



Rio de Janeiro
2023

Maj Eng **JULIANO JORGE TENÓRIO TAVARES**

As ações da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: TC Inf **ORLANDO MATTOS SPARTA DE SOUZA**

Rio de Janeiro
2023

T231a Tavares, Juliano Jorge Tenório

As ações da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia. / Juliano Jorge Tenório Tavares. - 2023.

57 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Orlando Mattos Sparta de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)— Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023. Bibliografia: f. 52-57

1. Rússia. 2. Ucrânia. 3. Sanções econômicas. 4. Estados Unidos da América. I Título.

CDD 355.4

Maj Eng **JULIANO JORGE TENÓRIO TAVARES**

As ações da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em _____.

COMISSÃO AVALIADORA

TC Inf **ORLANDO MATTOS SPARTA DE SOUZA** - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Maj Inf **JAIRO LUIZ FREMDLING FARIAS JÚNIOR**- Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Maj Eng **DAN MILLI PEREIRA** - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa Ellen, aos nossos filhos Sofia e Juliano Filho e ao nosso anjo Pedro Jorge. Obrigado por todo amor e carinho. Vocês são minha fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida, pela minha saúde e pela oportunidade de tornar-me aluno desta Escola.

Ao meu orientador, TC Sparta, pela paciência e assertividade nos apontamentos dados em cada etapa deste trabalho.

Aos meus pais, José Jorge e Maria de Fátima, por todo amor e esforço que despenderam em favor da minha educação.

Aos meus irmãos, por todo apoio ao longo da caminhada.

“Quem foge à oportunidade de ser útil, engana a si mesmo” (Chico Xavier).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as ações da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia no contexto do conflito na Ucrânia. Para tanto, foram abordadas questões referentes à Rússia no século XXI; a um recorte da Guerra na Ucrânia; a apresentar os Estados Unidos da América, a União Europeia e as sanções impostas à Rússia; e, por fim, as ações tomadas pela Rússia diante dos desafios. A pesquisa foi realizada por meio de consulta a artigos publicados, trabalhos acadêmicos relacionados ao assunto, jornais e periódicos e livros. Este trabalho tem relevância por abordar questões geopolíticas dentro de um conflito entre duas nações em plena Europa do século XXI, que traz diversos ensinamentos nos níveis tático, estratégico e político. Além disso, esse conflito, por suas características, além de ser uma contenda entre dois países, traz aspectos que remetem a uma guerra por procuração entre o Ocidente e a Rússia da Era Putin, ressurgida após o colapso da União Soviética. Esses são temas muito caros aos profissionais das armas e assim devem ser estudados.

Palavras-chave: Rússia; Ucrânia; Sanções econômicas; e Estados Unidos da América.

ABSTRACT

This study aimed to analyze Russia's actions in confronting the economic sanctions imposed by the United States of America and the European Union in the context of the conflict in Ukraine. For this purpose, issues related to Russia in the 21st century, a focus on the Ukraine War, the presentation of the United States of America, the European Union, and the sanctions imposed on Russia were addressed, and finally, the actions taken by Russia in the face of challenges were presented. The research was conducted through the consultation of published articles, academic works related to the subject, newspapers, journals, and books. This work is relevant for addressing geopolitical issues within a conflict between two nations in 21st century Europe, which brings various lessons at tactical, strategic, and political levels. Furthermore, this conflict, due to its characteristics, is not only a dispute between two countries but also brings aspects reminiscent of a proxy war between the West and Putin's-era Russia, reemerged after the collapse of the Soviet Union. These are topics of great importance to professionals in the armed forces and should thus be studied.

Keywords: Russia; Ukraine; economic sanctions; and United States of America.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	15
3 UM BREVE RECORTE DA RÚSSIA NO SÉCULO XXI	17
4 UM BREVE RECORTE DO CONFLITO NA UCRÂNIA	24
4.1 A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA	24
4.2 OS CONFLITOS NA REGIÃO DO DONBASS	26
4.3 O CONFLITO NA UCRÂNIA EM 2022	28
5 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA), A UNIÃO EUROPEIA E AS SANÇÕES IMPOSTAS À RÚSSIA	32
5.1 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	32
5.2 A UNIÃO EUROPEIA	34
5.3 AS PRINCIPAIS SANÇÕES ECONÔMICAS IMPOSTAS À RÚSSIA	35
5.3.1 Limitação da capacidade da Rússia de fazer negócios em dólares e euros	36
5.3.2 Sanções contra bancos russos	36
5.3.3 Sanções às elites russas e seus familiares	37
5.3.4 Fechamento do espaço aéreo dos EUA e da UE para aeronaves russas	37
5.3.5 Exclusão dos bancos russos do sistema financeiro SWIFT	37
5.3.6 Encerramento dos programas do Banco Mundial	37
5.3.7 Encerramento do contrato do gasoduto Nordstream 2	38
6 AS AÇÕES TOMADAS PELA RÚSSIA DIANTE DOS DESAFIOS	39

6.1 MANUTENÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE HIDROCARBONETOS E A DIVERSIFICAÇÃO DOS PARCEIROS COMERCIAIS	40
6.2 UTILIZAÇÃO DO CROSS-BORDER INTERBANK PAYMENT SYSTEM (CIPS) EM SUBSTITUIÇÃO AO SISTEMA SWIFT	42
6.3 AUMENTO DAS RESERVAS DE OURO	44
6.4 AÇÕES VOLTADAS PARA O PÚBLICO INTERNO	45
6.5 “DESDOLARIZAÇÃO” DA ECONOMIA RUSSA	46
7 CONCLUSÃO	49

1 INTRODUÇÃO

Para a CNN-Brasil (2022), a Ucrânia e a Rússia possuem ligações históricas que remetem ao Estado eslavo de Kieven Rus e esse fato leva o Presidente Russo, Vladimir Putin, a dizer que russos e ucranianos são um só povo. Porém, ao longo da história, essas nações trilharam caminhos diferentes, permitindo o surgimento de duas culturas e duas línguas diferentes: a Ucrânia não conseguiu viabilizar a consolidação do seu Estado, enquanto que a Rússia tornou-se um império.

De acordo com Aparecido e Aguiar (2022, p. 01), a Ucrânia ocupa a segunda posição em extensão territorial na Europa e foi uma das repúblicas que fizeram parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas até a sua dissolução em 1991. Para a Rússia, “a queda da União Soviética foi o maior desastre geopolítico do século. [...] Milhões de cidadãos, que até então pertenciam à União Soviética, não mais faziam parte da Rússia. Além disso, a onda de dissolução da União Soviética influenciou a Rússia”. Desde esse momento, a Ucrânia, sob a vigilância da Rússia, busca sua autonomia plena no cenário internacional muitas vezes sem sucesso.

Por sua vez, segundo Reis (2015), a Federação Russa formou-se após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991. Possui fronteiras que vão da Finlândia, na Europa, à Coreia do Norte, no Extremo Oriente, constituindo-se no maior país e, extensão territorial do mundo: cerca de 17 milhões de quilômetros quadrados. Além disso, compostas por 22 repúblicas autônomas, a Federação Russa é a principal herdeira da extinta URSS.

Ainda, de acordo com Reis (2015), a Rússia viveu um período de grave crise econômica e política durante a década de 1990 após o fim da URSS. Esse cenário fez com que essa nação perdesse seu protagonismo mundial que havia alcançado ao longo da segunda metade do século XX.

Para Gamalho (2020), o otimismo gerado no Ocidente com o fim da Guerra fria acabou após os atentados de 11 de setembro de 2001. Esse evento foi um ponto de inflexão na postura das nações no contexto das relações internacionais, principalmente os Estados Unidos da América (EUA). No entanto, para a Rússia, esse ponto de inflexão deu-se alguns anos antes com os ataques da Organização

do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) à Iugoslávia em 1999. Salienta-se que essas datas coincidem com a chegada de Vladimir Putin ao Governo da Rússia, fato que ocorre até os dias atuais.

Ainda para Gamalho (2020), o período que tem Vladimir Putin à frente do Governo russo é visto com sucesso em relação à economia e à estabilidade. Esse Governante deixou de lado as políticas econômicas neoliberais do decênio anterior por causa dos seus resultados ruins e implementou um modelo conjunto entre investimento público e privado, melhorando a qualidade de vida da população. Tal conjuntura permitiu que empresas russas comprassem capital estrangeiro. Porém, o Vladimir Putin buscou uma maior centralização do poder, distanciando-se do ocidente política e economicamente.

Nesse cenário de afastamento da Rússia em relação ao Ocidente, é importante destacar o seguinte: Para a BBC (2022), desde o colapso da União Soviética (URSS), em 1991, a coalizão militar liderada pelos Estados Unidos e pela Europa incorporou 13 nações da área ao seu grupo de membros, incluindo as ex-repúblicas soviéticas Estônia, Lituânia e Letônia. Atualmente, a Ucrânia é um parceiro da OTAN e tomar parte efetiva nessa Aliança Militar. Para Moscou, a expansão da OTAN rumo às fronteiras russas constitui-se em uma tentativa do Ocidente de cercar seu território, gerando uma ameaça à Rússia.

Nesse diapasão, Vladimir Putin reagiu ao avanço da OTAN em relação às antigas repúblicas da URSS:

A tensão entre a Ucrânia e a Rússia intensificou em 2013, em virtude de um acordo político-econômico entre Kiev e a União Europeia. Tal parceria foi de encontro aos interesses russos. Assim, o então presidente pró-Rússia Viktor Yanukovich cancelou as negociações e uma onda de violentas manifestações surgiu em Kiev. Diante dessa conjuntura, a Rússia anexou a península autônoma da Crimeia sob a justificativa de defender os seus interesses bem como dos cidadãos russos. (BBC, 2022)

De acordo com G1 (2003), a Rússia empreendeu uma ação militar em 24 de fevereiro de 2022 contra a Ucrânia. Tal agressão causou milhares de mortes e impeliu milhares de ucranianos a abandonarem suas casas, constituindo o pior conflito no continente europeu desde a 2ª Guerra Mundial.

Após isso, de acordo com Kilcrease *et al* (2022), os EUA e seus aliados desencadearam uma série de medidas econômicas contra Moscou após a agressão contra a Ucrânia. Tais ações buscam enfraquecer as operações militares e

desencorajar o prosseguimento da operação especial de Putin. Esse pacote de sanções inclui uma gama de ações que foram abordadas ao longo deste trabalho.

Este trabalho discorreu sobre as ações implementadas pela Rússia pra enfrentar as sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia.

Após uma série de severas sanções econômicas impostas à Rússia, principalmente pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia, como consequências das ações militares perpetradas a partir de 24 de fevereiro de 2022, Moscou manteve sua máquina de guerra funcionando.

Diante disso, levantou-se o seguinte problema: De que modo as ações implemetadas pela Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia permitiram o prolongamento do conflito entre Rússia e a Ucrânia?

Assim, foi levantado o objetivo geral de analisar as ações tomadas pela Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia.

Ademais, com a finalidade de se apresentar as ações tomadas pela Rússia no enfrentamento das sanções econômicas imposta pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América no contexto do conflito na Ucrânia, foram levantados os seguintes objetivos específicos:

- a. Apresentar um breve recorte da Rússia no século XXI;
- b. Apresentar um breve recorte da Guerra da Ucrânia;
- c. Apresentar os EUA, a UE e as sanções econômicas impostas à Rússia; e
- d. Analisar as ações tomadas pela Rússia perante os desafios.

Com o intuito de atender os objetivos propostos, esse projeto de pesquisa foi delimitado pela atuação da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pelos EUA e pela UE após a invasão de fevereiro de 2022. Como limite temporal, foi estipulado o ano de 2022, buscando-se informações a partir daquela data, permitindo a realização da análise das respostas russas.

Por fim, o referido estudo tem sua importância por estar alinhado à premissa “capacitação técnica e operacional do militar para enfrentar os desafios da guerra moderna, alicerçada nos valores, nas tradições e na ética militar”, constante nas diretrizes do Comandante do Exército Brasileiro 2023-2026.

Além disso, essa pesquisa poderá servir de subsídio para trabalhos futuros como fonte de consulta e de aperfeiçoamento do recurso humano da Força Terrestre do Brasil.

2 METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo evidenciar o trajeto percorrido na realização desta pesquisa, na busca da solução do problema, especificando os procedimentos realizados para alcançar os objetivos propostos.

Foi feita nesse trabalho uma abordagem qualitativa, uma vez que privilegiará relatos e análises de documentos para um melhor entendimento sobre as ações tomadas pela Rússia diante das sanções econômicas que vem enfrentando no contexto do conflito na Ucrânia. De acordo com a taxionomia de Vergara (2008), essa pesquisa foi descritiva, explicativa, bibliográfica e documental.

Além disso, este trabalho foi descritivo porque pretendeu descrever as ações que a Rússia tomou para fazer face às sanções impostas pelos principais países do Ocidente. Explicativo porque visou a esclarecer a correlação entre tais ações e a continuidade do conflito. Documental porque se valeu de documentos, de trabalhos, manuais e artigos do Exército Brasileiro.

Nesse contexto, foi feita uma pesquisa bibliográfica porque teve sua fundamentação teórico-metodológica na investigação baseada em artigos, livros e trabalhos acadêmicos sobre assuntos de sanções econômicas, histórico da Rússia e da Ucrânia, bem como o conflito em si.

Este trabalho pesquisa desenvolveu-se com uma pesquisa bibliográfica na literatura (livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso) com dados pertinentes ao assunto. Nesse momento, foram levantados as principais sanções econômicas aplicadas à Rússia e os mecanismos de contra sanção implementados por Moscou.

Em virtude da natureza do problema dessa pesquisa (de que modo as medidas adotadas pela Rússia no enfrentamento das sanções econômicas impostas pelos EUA e pela UE no contexto do Conflito na Ucrânia permitiram o prolongamento da Guerra?) e do perfil desse pesquisador, optou-se pela abordagem fenomenológica, que prioriza procedimentos qualitativos de pesquisa.

Dessa maneira, o método de tratamento de dados utilizado foi a análise de conteúdo, no qual realizou-se estudos de textos para se obter a fundamentação teórica necessária para dar a consistência necessária ao trabalho em questão.

A metodologia encontrou limitações, principalmente referentes à profundidade e ao escopo definido. Em relação à profundidade, não foi possível realizar trabalhos de campo em virtude da característica eminentemente bibliográfica da pesquisa.

3 UM BREVE RECORTE DA RÚSSIA NO SÉCULO XXI

A queda do comunismo e a dissolução da URSS, em 1991, marcaram o início de um novo período na relação entre a Rússia e o Ocidente, substituindo a antiga rivalidade por cooperação (SARUBI FILHO, 2018).

Ainda para Sarubi Filho (2018), após o fim da União Soviética, a Rússia entrou na Nova Ordem Mundial adotando o capitalismo como modelo econômico. Tomou parte nos principais Organismos Internacionais referentes à economia como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o G-7 (grupo que reunia os sete países mais ricos do mundo). Assim, Moscou buscou atrair investimentos estrangeiros, principalmente, os norte-americanos e europeus. No entanto, o período que se seguiu à dissolução da União Soviética foi de crise econômica e instabilidade política para os russos. Tal conjuntura de fragilidade político-econômica permitiu, mesmo contra a vontade de Moscou, o avanço da União Europeia e da OTAN sobre nas nações do Leste Europeu (Romênia, República Tcheca, Eslováquia, Bulgária, Hungria e Polônia), bem como as ex-repúblicas da URSS no Báltico (Letônia, Lituânia e Estônia).

Figura 1: Entrada de Investimento estrangeiro direto



Fonte: ALBUQUERQUE, *et al*, 2021

De acordo com Albuquerque *et al* (2021), a entrada de investimentos estrangeiros diretos mantinham-se em níveis estáveis ao longo dos anos 1990. A partir dos anos 2000, houve um crescimento considerável. A crise financeira mundial (2008) e as sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia fruto da anexação da Crimeia justificam os dois momentos de queda observados no gráfico acima.

Assim, Vladimir Putin buscou recolocar Moscou no rol dos grandes “players” da geopolítica mundial. Segundo Alcoforado (2015), o início da recuperação do prestígio geopolítico russo deu-se a partir do início dos anos 2000 com a chegada de Vladimir Putin ao poder. Na década anterior, no Governo de Ieltsin, houve uma degradação político-econômica da Rússia. Assim, a ascensão de Putin deu-se apoiada por importantes empresários e relevantes grupos com interesse político no ressurgimento de Moscou como importante polo de poder, assim como a União Soviética havia sido.

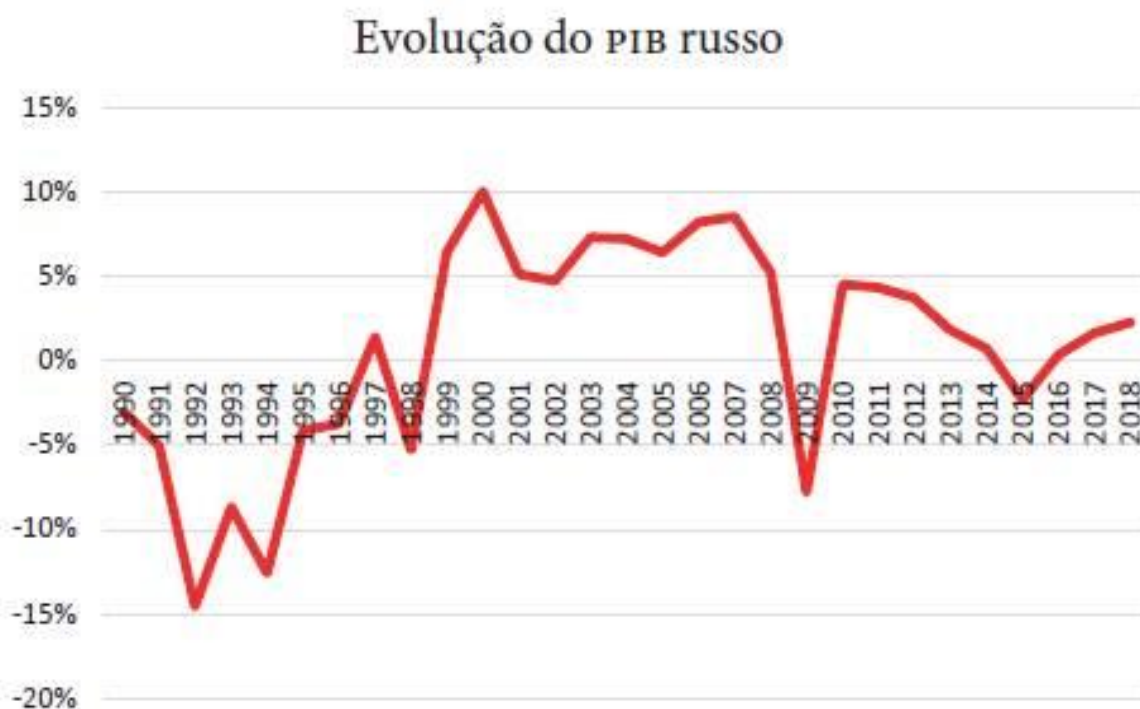
Nesse contexto, verifica-se que houve um ressurgimento da Rússia como potência no concerto das nações. Para Fiori (2017), Vladimir Putin e Dmitri Medvedev, seu sucessor, basearam a economia da Rússia seguindo a cartilha capitalista, mas mantiveram um Estado central forte depois de uma reformulação que incluiu, também o complexo militar-industrial. Ademais, esses dois líderes políticos estatizaram a maioria das relevantes empresas de exploração e exportação de petróleo e gás natural, concomitantemente, impuseram uma reforma militar que incluiu a redefinição da Doutrina Militar Russa da década de 1990, expondo ao Ocidente a possibilidade de fazer uso de seu arsenal atômico se necessário na defesa de seus interesses, principalmente no que se referia à soberania russa e às fronteiras.

Ainda segundo Fiori (2017), após essas mudanças, em 2008, na Guerra da Geórgia, a Rússia mostrou de maneira inédita que não mais aceitaria a expansão indiscriminada da OTAN rumo às suas fronteiras. Já em 2014, anexou o território da Crimeia como resposta da atuação do Ocidente dentro da Ucrânia. Um ano depois, a atuação Russa na Síria ficou marcada como a primeira intervenção militar vitoriosa fora de suas fronteiras. Em síntese, cerca de quinze anos após o colapso da União Soviética, a Rússia retornou ao seu lugar de destaque no cenário internacional por

meio do refazimento de sua economia, de uma modernização de seu poder militar, incremento do setor científico-tecnológico e pelo controle efetivo de seus recursos minerais e energéticos.

Segundo Quadros (2011), a implementação de uma Política Externa mais firme e independente por parte da Rússia deveu-se à estabilização política e econômica que esse país passou a experimentar. Esse relacionamento com os demais países no concerto das nações buscava a recuperação do prestígio internacional do país. Assim, Moscou passou a ter desentendimentos com outros países em situações específicas como na sua contrariedade à Guerra no Iraque (2003), na ameaça ao corte de suprimento de gás natural da Rússia para a Europa e na atuação na Guerra da Geórgia (2008). Tudo isso aliado à reelaboração da doutrina diplomática e militar de Moscou.

Figura 2: Evolução do PIB russo



Fonte: ALBUQUERQUE, *et al*, 2021

Acerca do fortalecimento econômico da Rússia a partir dos anos 2000, a figura acima ilustra o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) russo. Na década de 1990, período da dissolução da União Soviética, a economia eslava sofreu severas retrações que se aproximaram de incríveis 15%. Nesse mesmo período, essa crise econômica agravou, ainda mais a crise política, gerando um ciclo vicioso.

Esse mesmo gráfico revela que a primeira década do século XXI é marcada por um relevante crescimento da economia até o momento em que foi afetada pela crise mundial em 2009, após o quê, retoma seu movimento de subida e incremento da economia.

Além do ressurgimento político-econômico da Rússia, Vladimir Putin buscou resgatar o prestígio militar que, durante a Guerra Fria, a União Soviética teve, uma vez que no momento da dissolução da mesma, esta se encontrava com o seu poderio militar, em certa medida, obsoleto. Tal situação era fruto da crise econômica, que não permitiu à União Soviética custear as suas onerosas Forças Armadas.

Nesse contexto, de acordo com Segrillo (2008), a economia russa em 1998 correspondia a cerca de 60% do que era em 1991. Sem sombra de dúvidas, tal retração econômica afetou a destinação de recursos para a Defesa. Segundo Almeida Neto (2021), as despesas militares da Rússia foram reduzindo ao longo da década de 1990, chegando a 45,9 bilhões de dólares (valores nominais) em 1997, aproximadamente 10% do montante gasto em 1988. No que tange ao Produto Interno Bruto russo, ocorreu uma diminuição de 5,60% em 1994 para 2,65% em 2003. Face às drásticas reduções orçamentárias e investimentos em Defesa durante o Governo Ieltsin (1991-1999), a Rússia tornou-se vulnerável frente ao Ocidente.

Para Almeida Neto (2021), o desprezo da profissão militar e as condições de vida precárias dos soldados russos foram resultados da falta de investimentos no setor de defesa. Além disso, inviabilizou a modernização de armamentos. Além dos soldos baixos dos oficiais, as Organizações Militares ficaram marcadas por práticas violentas: Ocorrências de crimes entre os militares se tornaram frequentes e, de janeiro a outubro de 2002, 531 recrutas perderam suas vidas e outros 20 mil ficaram gravemente feridos. Nesse cenário, a deserção militar se tornou uma prática comum na Rússia pós-soviética.

Durante a década de 1990, aproximadamente 40 mil homens, anualmente, deixavam de atender o chamado para o serviço militar obrigatório ou procuravam maneiras de evitá-lo, com o apoio da sociedade. Elevado número de pedidos de aposentadoria também ocorreu nesse período. Como resultado, as tropas russas apresentavam um baixo padrão de desempenho físico e intelectual, sendo necessário recrutar jovens com histórico criminal para atender à cota mínima anual de serviço militar. Tal conjuntura também resultou em problemas de hierarquia,

liderança e, conseqüentemente, treinamento. Em 2002, um a cada dez pelotões não possuía um comandante e 40% desses comandantes de pelotão eram oficiais da reserva com pouca ou nenhuma experiência militar (ALMEIDA NETO, 2021).

A Rússia perdeu sua posição de superpotência que anteriormente possuía como União Soviética e passou a ser percebida pelos atores globais como uma potência em declínio, subordinada à ordem mundial liderada pelos Estados Unidos devido a essa situação conturbada. A perda de prestígio internacional de Moscou foi resultado atraso estratégico e tecnológico-militar em relação ao Ocidente e limitou a capacidade de defender seus interesses políticos e de segurança no cenário global. Do ponto de vista de Moscou, a Rússia estava destinada a aceitar a contínua diminuição de sua influência internacional, e não teria garantida sua segurança por meio de uma zona de interesse reconhecida até que dispusesse de um poder militar suficientemente forte. Por essa razão, a reestruturação e modernização das Forças Armadas Russas desempenham um papel crucial na formação da identidade do Estado russo pós-soviético e na definição do posicionamento de Moscou no Concerto das Nações no século XXI. (ALMEIDA NETO, 2021)

Assim, fazia-se mister que houvesse uma mudança na estrutura militar russa a fim de que esse país, outrora potência, voltasse a ter seu lugar de destaque dentro do Sistema Internacional, constituindo-se em um polo de poder na Nova Ordem Mundial. Nesse contexto, Vladimir Putin e Dimitri Medvedev decidiram viabilizar essa “reforma” na expressão militar do poder nacional da Rússia.

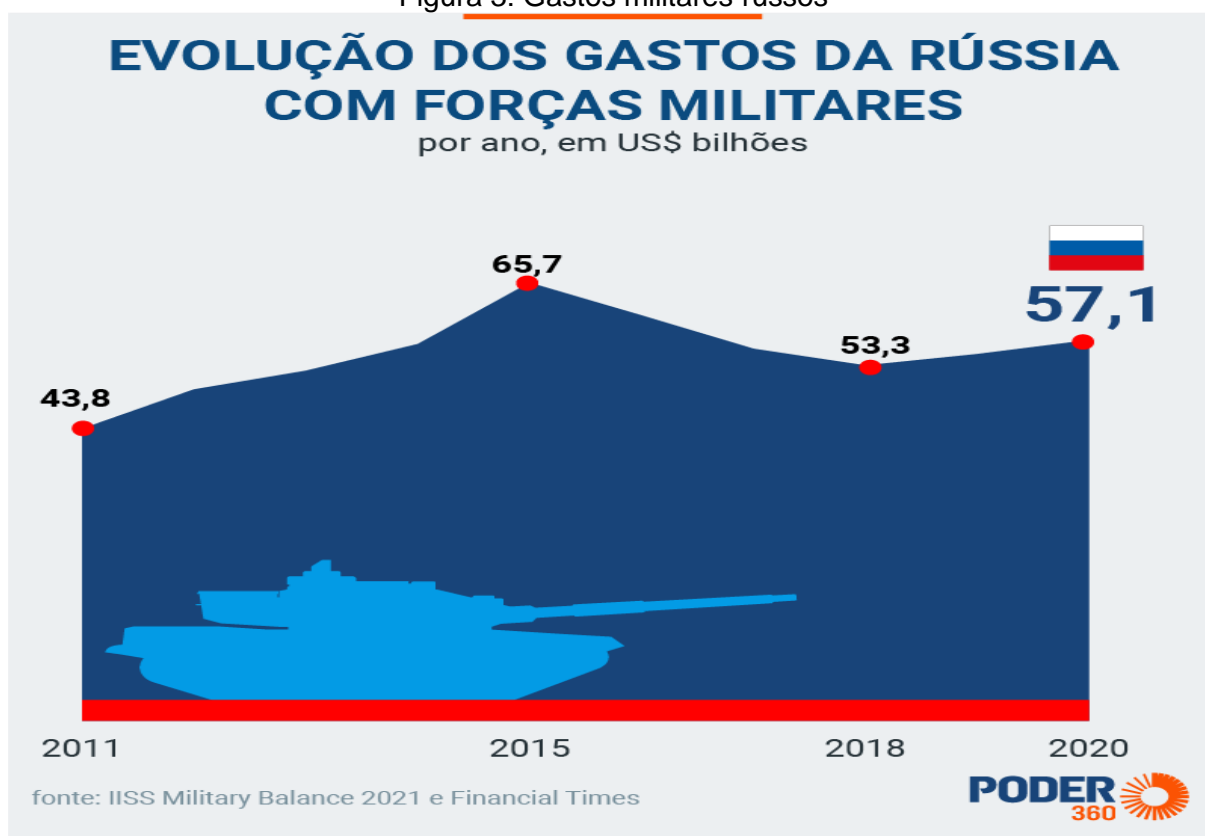
Frente ao panorama mencionado, o primeiro mandato do presidente Putin (2000-2008) deu início à restauração do poderio militar russo. Putin direcionou recursos para investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento ao invés de priorizar primeiramente a modernização das armas convencionais. Além disso, implementou reformas com o objetivo de alterar a estrutura e a divisão dos distritos militares russos, gerando, mais tarde, a criação de comandos estratégicos conjuntos (JÚNIOR, 2018).

Com a Guerra da Geórgia em 2008, segundo Júnior (2018), a Rússia voltou a projetar poder fora do seu território. As particularidades do confronto armado e seu desfecho evidenciaram que a Rússia detinha a capacidade de exercer uma influência decisiva em suas regiões vizinhas, principalmente por meio da implantação e utilização de forças terrestres e aéreas em suas proximidades. No

entanto, especialistas militares levantaram diversas falhas das Forças russas na condução daquele conflito como a coordenação de armas, falhas na comunicação e obsolescência do Material de Emprego militar. Isso impulsionou Medvedev a prosseguir com a reforma, conhecida como “New Look”, buscando modernizar armas nucleares, defesa antiaérea, comando e controle, caças e navios de guerra:

Destacamos como os objetivos da “New Look” apontam para uma força muito semelhante à dos EUA no ápice de seu processo de transformação militar. Contudo, ao invés da simples emulação, a perspectiva russa sobre mudança militar se inspira também ao retorno das ideias do Marechal Nikolai Ogarkov, criador da Military-Technical Revolution, antecessora da Revolução nos Assuntos Militares (RAM)[...] A capacidade .projetar força, desdobrá-la no terreno e empregar poder militar no teatro de operações sírio é representativo do êxito russos em modernizar suas capacidades militares, galgando maior grau de profissionalismo e prontidão (JÚNIOR, 2018, p.15).

Figura 3: Gastos militares russos



Fonte: Poder 360

Na figura acima, é descrita evolução dos gastos militares russo tendo como base o ano de 2011. Percebe-se que há um crescimento desse orçamento, tendo como “pico” o ano de 2015, com um valor aproximado de 65 bilhões de dólares. Não é uma mera coincidência que tenha ocorrido um ano após a anexação da península

da Crimeia em 2014. Após esse período, houve uma queda nos gastos em 2018, passando, no ano seguinte, com a tendência de alta no início da década de 2020. Em certa medida, indicando uma preparação para as ações que Vladimir Putin iria empreender. Cabe salientar que, como a Rússia compra majoritariamente de empresas nacionais, a maior parte de seus investimentos em defesa dá-se por meio do Rublo, moeda eslava. Portanto, para Almeida Neto (2021), pode-se fazer uma má interpretação acerca dos gastos reais na compra de armamento militar russo quando se toma como referência o dólar americano.

Entre os anos de 2008 e 2018, com novamente Putin à frente do país, a Rússia manteve a o processo de reforma militar, destacando as seguintes: revisão do módulo brigada e de sua centralidade no desenho de força; retorno ao aumento do efetivo militar e; retorno à estruturas como Divisão e Exércitos. Assim, a modernização das Forças Militares russas gera, nos EUA, a sensação de que a sua dianteira tecnológica está sendo degradada pela Rússia (JÚNIOR, 2018).

Assim, a partir do início do século XXI, com a ascensão de Vladimir Putin, a Rússia, principal herdeira da extinta União Soviética, começou a recuperar a sua economia. Isso deu-se após o colapso econômico que levou à dissolução da URSS. Concomitantemente, buscando resgatar o prestígio geopolítico e a capacidade de intervir fora do seu território por meio da projeção de poder, a Rússia empreendeu uma série de medidas com no setor de Defesa com o objetivo de fortalecê-lo. Tal processo, face às significativas mudanças, é tratado como uma “reforma” na expressão militar do poder nacional desse país eslavo. Esse recrudescimento dos poderes econômico e militar da Rússia permitiu que Moscou voltasse a figurar como um importante player no cenário internacional no século XXI, inclusive com a intervenção militar direta em outros países como no caso da Síria e da Geórgia.

4 UM BREVE RECORTE DO CONFLITO NA UCRÂNIA

Antes de serem abordados os principais aspectos do atual conflito entre Rússia e Ucrânia, faz-se necessário que sejam trazidas as questões mais relevantes da Anexação da Crimeia em 2014 pela Rússia e as escaramuças na região do Donbass. Tal evento tem ligação com a atual crise que tem como palco o leste da Ucrânia:

A intervenção russa na Guerra civil da Síria deu uma ideia da capacidade de batalha dessa força reformada. O sucesso russo na Síria, somado ao sucesso alcançado na Ucrânia, em 2014, e a vários anos de reforma, parecia ter convencido o país de que ele tinha o tipo de força necessário para executar a operação maciça com armas combinadas que havia imaginado para a Ucrânia (D'ANIERI, 2022).

4.1 A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Figura 4: Mapa da Ucrânia



Fonte: CNN Brasil

A Península da Crimeia é uma região semiautônoma situada no sul da Ucrânia, localizada em uma região adjacente ao Mar Negro. Apesar de ser parte integrante do território ucraniano, a Crimeia mantém fortes laços étnicos e políticos com a Rússia, representando um dos principais pontos de tensão entre os dois países em termos diplomáticos. A localização geográfica da Crimeia é, indiscutivelmente, seu maior valor estratégico. A região serve como uma importante saída para o Mar Negro, sendo o único porto de águas quentes da Rússia. Tal

condição confere à Crimeia uma significativa relevância tanto em termos comerciais quanto militares para os russos, facilitando o transporte de mercadorias e garantindo o controle do canal que conecta o Mar Negro ao Mar de Azov (PENA, 2018).

No dia 21 de novembro de 2013, o presidente Yanukovich interrompeu as negociações para adesão à União Europeia sob pressão do governo russo, o que causou um forte descontentamento em grande parte da população empobrecida da Ucrânia. Isso resultou em uma nova onda de tumultos civis na Praça Maidan, localizada em Kiev, a capital da Ucrânia. Esses distúrbios persistiram até fevereiro de 2014. Essas manifestações que se seguiram ficaram conhecidas como Euromaidan e culminaram na deposição do presidente Yanukovich (LIMA, 2019).

No início de 2014, a Crimeia tornou-se o foco da pior crise “Leste-Oeste” desde a Guerra Fria, depois que o presidente da Ucrânia, pró-Moscou, Viktor Yanukovich, foi retirado do poder por protestos violentos em Kiev. Essa onda de manifestações e agitação civil na Ucrânia ficou conhecida como Revolução Ucraniana, também apelidada de Maidan, por ter iniciado em praça de mesmo nome (FERNANDES, 2016).

No final de 2013, os manifestantes se opuseram à decisão do então presidente Viktor Yanukovich de não assinar um acordo com a União Europeia. Posteriormente, Yanukovich aceitou um novo acordo com a Rússia, que envolvia uma ajuda financeira de US\$ 15 bilhões e outros benefícios econômicos. Com a destituição do presidente ucraniano, a Rússia aumentou sua influência e intervenção no país, realizando incursões no território ucraniano e contando com o apoio de movimentos separatistas pró-Rússia e anti-governo na região de Donbass. Essa situação resultou na invasão da península da Crimeia e desencadeou uma guerra com o governo ucraniano, gerando um cenário de instabilidade no leste europeu (CASTRO, 2018 *apud* DA SILVA, 2016).

A Rússia, em resposta ao governo interino da Ucrânia que se aproximava da União Europeia, decidiu não reconhecê-lo e passou a intervir mais diretamente no leste do país. Por meio de uma série de incursões em território ucraniano e aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-Rússia e anti-governo na região de Donbass, a Rússia conduziu um significativo exercício militar em sua fronteira ocidental em fevereiro de 2014, desviando a atenção para o que estava acontecendo na Crimeia. Utilizando forças especiais uniformizadas sem identificação, conhecidas como *"little green men"*, que portavam armas e equipamentos militares, a Rússia conquistou e controlou instituições governamentais

estratégicas na Crimeia. Posteriormente, unidades regulares foram enviadas para assegurar a região, resultando na anexação formal da península da Crimeia. Além disso, a Rússia também empregou unidades de forças especiais em cidades e províncias da região, estabelecendo e controlando grupos insurgentes que atuavam em prol dos interesses russos (FERNANDES, 2016).

Em um movimento pró-Rússia, um grupo assumiu o controle do parlamento local na Crimeia, designando Sergey Aksyonov, líder do Partido da Unidade Russa, como novo primeiro-ministro. Esse grupo aprovou a independência da Crimeia e, posteriormente, a península foi anexada à Federação Russa através de um referendo popular realizado em março de 2014. O parlamento russo autorizou o uso da força militar na Ucrânia para proteger os interesses de Moscou na região. As forças militares ucranianas não ofereceram resistência e o presidente interino do país ordenou a retirada das tropas remanescentes da península. A comunidade internacional, representada pela Organização das Nações Unidas (ONU), não reconheceu a separação da Crimeia e a anexação por parte da Rússia (UKRAINE, 2018).

4.2 OS CONFLITOS NA REGIÃO DO DONBASS

A partir de março de 2014, o Leste da Ucrânia se tornou o cenário de um conflito armado entre movimentos separatistas pró-Rússia, que buscavam a independência da República Popular de Donetsk e da República Popular de Lugansk, e o governo de Kiev. Essa contenda, conhecida como Guerra em Donbass, ocorreu na região da bacia do rio Donets. O conflito teve origem nas manifestações do Euromaidan, que ocorreram no final de 2013, e ocorreu simultaneamente à anexação da Crimeia pela Federação Russa (DE ALMEIDA NETO; MAKIO, 2020).

As questões étnicas, linguísticas e culturais desempenham um papel significativo no conflito, dividindo o país em dois grupos identitários distintos. Enquanto as regiões Centro-Oeste da Ucrânia defendem uma maior aproximação com a Europa, as populações do Sul e Leste ucraniano buscam uma maior influência de Moscou na região, e até mesmo a possível incorporação futura à Federação Russa. A natureza cultural e identitária do conflito tem suas raízes no

processo de formação das identidades russas e ucranianas, que remontam ao século IX. A origem comum dos atuais Estados Russo e Ucraniano é um tema controverso entre os dois povos. Essa falta de consenso reflete tanto na maneira como a Ucrânia é percebida pela Rússia, quanto na percepção dos ucranianos em relação à Rússia (DE ALMEIDA NETO; MAKIO, 2020 apud ADAM, 2018).

Assim, em uma tentativa de retomar o controle e combater as ações insurgentes pró-Rússia nas províncias da região de Donbass, as forças governamentais ucranianas realizaram uma série de operações. No entanto, em 25 de agosto, uma contraofensiva insurgente interrompeu o avanço das forças governamentais nas cidades de Donetsk e Luhansk. Paralelamente, a Rússia lançou uma ofensiva militar na Crimeia, movimentando discretamente um grande número de tropas regulares e equipamentos. Em agosto de 2014, até um suposto "comboio humanitário" foi enviado para a região de Luhansk, sem o consentimento da Ucrânia. Após esses eventos, foram assinados tratados de cessar-fogo entre a Ucrânia e a Rússia (NATO, 2015).

Segundo D'anieri (2022), havia uma situação um tanto quanto conversa, pois a Região do Donbass, em tese, era território da Ucrânia, inclusive reconhecido pelo Rússia, mas Kiev não controlava a região. Tal área era administrada pelas repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, ambas sob o controle de Vladimir Putin, presidente da Rússia. Mesmo assim, a Ucrânia buscou retomar sua soberania sobre a região por meio de diversas ações como a manutenção do pagamento de pensões e benefícios sociais aos residentes do Donbass.

Nesse contexto, uma linha de controle foi ganhando força e separando a Ucrânia das repúblicas separatistas de Luhansk e Donetsk, criando uma região de bloqueio que ficou cada vez mais popular entre os ucranianos nacionalistas. Além disso, para aumentar ainda mais as tensões, a Rússia passou a emitir passaporte aos moradores da região do Donbass, enquanto que as autoridades das repúblicas populares de Donetsk e Luhansk nacionalizaram cerca de quarenta empresas de relevância. Tal conjuntura afastava, ainda mais, a possibilidade de solução desse conflito dentro da própria Ucrânia (D'ANIERI, 2022).

Esse cenário de conflito no Donbass é de interesse de Vladimir Putin porque afasta a Ucrânia de uma possível entrada na OTAN, uma vez que essa poderosa aliança militar traz, em seus princípios gerais, que um candidato ao bloco possua um

regime democrático estável. Assim, as contendas entre Kiev e as repúblicas separatistas de Luhansk e Donetsk servem, em certa medida, como uma contenção ao avanço do ocidente, por meio da OTAN, em direção às fronteiras russas.

4.3 O CONFLITO NA UCRÂNIA EM 2022

Os antagonismos entre o Ocidente, liderado pelos EUA, e a Rússia aumentaram consideravelmente nos últimos anos em virtude das diversas ações que Vladimir Putin empreendeu em relação à Ucrânia como a anexação da Crimeia e o fomento à crise no Donbass, ferindo a soberania de Kiev em relação ao seu território.

Assim, em novembro de 2021, Vladimir Putin percebeu que havia uma janela de oportunidade diante das divergências enfrentadas entre o presidente norte-americano, Joe Biden, e os seus aliados europeus sobre como lidar com o expansionismo de Moscou. Desta feita, o presidente russo concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, o que gerou preocupação em Kiev, Washington e na Europa de que uma invasão de grandes proporções estava em vias de concretizar-se. Moscou negou tais alegações, declarando que estava realizando exercícios em resposta às "atividades militares ameaçadoras" da OTAN nas proximidades de seu território. Além disso, acusou os países ocidentais de aumentarem as tensões ao fornecer armas modernas à Ucrânia e realizar "exercícios militares provocativos" no Mar Negro, em áreas adjacentes à massa territorial russa (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

Após um período de tensões ao longo da fronteira por meio da concentração de massivos efetivos militares russos na fronteira com a Ucrânia e de diversos informes da Inteligência norte-americana acerca das reais intenções de Vladimir Putin, na madrugada de 24 de fevereiro de 2022, esse Presidente eslavo determinou a "Operação Militar Especial" contra a Ucrânia.

No dia 24 de fevereiro de 2022, ocorreu o evento que os serviços de inteligência ocidentais previram com semanas de antecedência, porém, a maioria das pessoas, incluindo muitas lideranças políticas europeias, se negava a acreditar: o território da Ucrânia, uma nação soberana com fronteiras internacionais reconhecidas por toda a comunidade internacional, foi invadido pelo Exército russo.

A Europa viu ressurgir uma guerra de conquista territorial, algo inimaginável para a vasta maioria dos europeus, e que vai contra os princípios estabelecidos pela Carta da ONU (GOMES FILHO, 2022).

Ainda de acordo com Gomes Filho (2022), quando a invasão concretizou-se, a expectativa era de que a contenda tivesse curta duração, com a ação do poder militar russo sendo utilizada de forma decisiva e fulminante. Tal pensamento era baseado no fato de que um dos beligerantes era a segunda maior potência militar do mundo, com um Exército reformado e experimentado em combates recentes como na Síria e na Geórgia contra uma nação com um poder militar significativamente menor.

O ataque russo se deu como o esperado, em quatro direções estratégicas: uma que adentrava o território ucraniano vinda do norte, inclusive do território de Belarus; outra vinda do Nordeste, em direção a Kharkiv; outra, atacando pelo Leste, na região do Donbass, onde se localizam as repúblicas separatistas cujas independências tinham sido recém-reconhecidas por Moscou; e uma última vinda do Sul, da península da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014 (GOMES FILHO, 2022).

Figura 5: Frentes de ataque da Rússia em Fev 2022



Fonte: Revista Visão

As forças russas que atacaram a partir de Belarus, seguindo o Rio Dnieper, segundo Gomes Filho (2022), tinham o claro objetivo de conquistar Kiev, capital da Ucrânia. Por sua vez, a segunda coluna, que incidiu no território ucraniano na direção de Kharkiv, provavelmente, buscava a conquista daquela cidade, uma vez que se trata da segunda cidade mais importante da Ucrânia. A terceira coluna, que veio pelo leste, reforçou os efetivos dos separatistas da região do Donbass, mais precisamente nas repúblicas autônomas de Luhansk e Donetsk, com o fito de fixar as forças ucranianas naquela região. Por fim, os efetivos russos oriundos da Crimeia buscavam a conquista de Kherson e Zaporijia, ligando a Crimeia e o território russo. Além disso, visava à conquista de todo o litoral do Mar de Azov, cercando, assim, ao sul, as forças ucranianas no Donbass.

Ademais, a dita Operação Militar Especial russa resultou na ocupação de territórios ucranianos localizados nos oblasts de Zaporijia, Kherson, Carcóvia, Luhansk e Donetsk (estes dois últimos compõem a região industrial do Donbas), permitindo que a Crimeia, ocupada pela Rússia desde 2014, fosse conectada ao território de Moscou (GOMES DE AZEVEDO; CARNEIRO FILHO, 2022).

Para Vladimir Putin, a conquista de Kiev, representaria a queda do centro político ucraniano, o centro de gravidade. Tal vitória corroboraria com a teoria de “desnazificação” da Ucrânia e haveria, novamente, a possibilidade de instalação de um governo alinhado a Moscou. O sucesso das demais frentes de ataque teriam os objetivos de desmilitarizar a Ucrânia, bem como realizar o isolamento marítimo desse país, afetando gravemente a economia ucraniana e, conseqüentemente, seu esforço de guerra (GOMES FILHO, 2022).

Após avanços russos nas diversas frentes de combate, as forças de Vladimir Putin encontraram forte resistência na conquista da capital Kiev, forçando um retraimento dessas tropas para se reorganizarem em outras frentes, bem como reforçarem os outros efetivos da Rússia. Em relação à frente que tinha o objetivo de conquistar a cidade de Kharkiv, houve um intenso bombardeio perpetrado pelos russos, destruindo milhares de prédios. Apesar de todo esse emprego de fogo, os Ucranianos conseguiram recuperar parte do território cedido e repeliram as forças russas de Kharkiv.

Em relação às demais frentes de ataque (Donbass e Sul), os russos obtiveram um expressivo avanço sobre o território da Ucrânia e, na atualidade, ocupam uma

faixa territorial que abrange o leste ucraniano, englobando grande parcela das regiões de Luhansk, Donetsk, Kherson e Zaporizhzhia, ligando-se à Crimeia. Tais regiões sobre domínio russo representam, aproximadamente, 18% do território da Ucrânia.

Cabe aqui destacar que toda essa resistência ucraniana deve-se, em grande medida, ao apoio financeiro-militar que Kiev vem recebendo, principalmente, dos Estados Unidos da América e de diversos países da Europa.

A resistência ucraniana só é possível pelo grande apoio e em material de emprego militar fornecido pelos países do Ocidente, como os Estados Unidos e grande parte dos países da Europa, entre os quais Reino Unido, Alemanha, França e Polônia. É evidente, também, que os Estados Unidos passaram a travar uma guerra por procuração (“proxie war”) contra a Rússia, por intermédio da Ucrânia, com o presidente Joe Biden, inclusive, admitindo isso publicamente (GOMES FILHO, 2022).

Por fim, de maneira completamente inesperada, a Europa testemunhou o ressurgimento de um conflito intenso e de expansão territorial, que envolve diretamente um país com armas nucleares e membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, a Rússia, e indiretamente a maior aliança militar do presente, a OTAN. Esse acontecimento trouxe fantasmas que estavam adormecidos nas sociedades atuais, especialmente nas ocidentais. Agora, a humanidade se vê diante da sombra de um conflito nuclear (GOMES FILHO, 2022).

5 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA), A UNIÃO EUROPEIA E AS SANÇÕES IMPOSTAS À RÚSSIA

Antes de serem abordados os objetivos específicos deste capítulo do presente trabalho, cabe aqui destacar a percepção que os Estados Unidos Unidos e seus aliados ocidentais, em especial a União Europeia, têm em relação à Rússia de Vladimir Putin.

Segundo Mearsheimer (2023), desde o início da guerra em Fevereiro de 2022, a percepção do Ocidente em relação à Rússia tem crescido continuamente, chegando ao ponto em que Moscou agora é vista como uma ameaça existencial. Os aliados dos Estados Unidos e da NATO estão altamente engajados no conflito entre a Ucrânia e a Rússia, demonstrando um envolvimento profundo. De fato, estão adotando todas as medidas possíveis, exceto o uso imediato da força.

Além disso, de acordo com France 24 (2023), a preservação da sagrada ordem internacional baseada em regras depende de prevalecer contra a Rússia. Ademais, os líderes ocidentais descrevem o conflito na Ucrânia como parte essencial de uma luta global mais ampla entre sistemas autocráticos e democráticos, com uma visão maniqueísta inerente. Citando o rei Carlos em Março do ano passado (2023), "a segurança da Europa e os nossos valores democráticos estão em perigo".

Nesse sentido, os líderes ocidentais têm objetivos claros, que envolvem a derrota do exército russo na Ucrânia, revertendo seus ganhos territoriais e aplicando sanções devastadoras em sua economia. O propósito é eliminar a Rússia do grupo das grandes potências, enfraquecendo-a a ponto de impedir futuras ameaças de invasão à Ucrânia. Além disso, almejam, também, buscar a mudança de regime em Moscou, levar Putin a julgamento como criminoso de guerra e, eventualmente, dividir a Rússia em estados menores. (DEFESA, 2023 *apud* VOHRA, 2023)

5.1 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Em 1945, ao final do conflito, os EUA saíram, como principais vencedores daquela contenda. Além disso, conduziram a Conferência de Bretton Woods, um ano antes, onde foram criadas as condições para a consolidação do dólar como

principal moeda do comércio internacional. Lideraram a criação da ONU e possuem assento no Conselho de Segurança daquele Organismo Internacional.

Depois de um período de pouco mais de 4 (quatro) décadas de uma disputa político-ideológica com a extinta União Soviética, quando as duas potências empreenderam as Guerras por procuração, a conhecida Guerra Fria, os estadunidenses iniciaram um período, na década de 1990, marcado pela sua hegemonia no cenário internacional. Nesse diapasão, os norte-americanos, líderes da OTAN, empreenderam um avanço dessa Aliança militar rumo ao leste europeu, para as ex-repúblicas da União Soviética, nas proximidades com a Rússia, aumentando as tensões com Moscou, baseado na estratégia de contenção.

São três os pilares desta estratégia, cada um desempenhando um papel essencial. O primeiro e fundamental é a ampliação da Aliança Atlântica. Desde o fim da Guerra Fria, sob a liderança de Clinton, tem sido evidente o movimento ocidental em direção à fronteira russa. Em segundo lugar, temos a expansão da União Europeia, uma instituição de caráter econômico, juntamente com a OTAN, que é uma organização militar, com o objetivo de integrar economicamente a Ucrânia ao Ocidente. Por último, mas não menos importante, temos a promoção da democracia. Através da análise das duas fases de expansão da OTAN em direção à Rússia em 1999 e 2004, fica claro que é, na verdade, o Ocidente que está se expandindo em direção à Rússia. A principal preocupação da Rússia, enraizada ao longo dos tempos, é a segurança (APARECIDO; AGUILAR, 2022).

As ações militares empreendidas pela Rússia no dia 24 de fevereiro de 2022 contra a Ucrânia geraram uma série de medidas pelas principais nações do Ocidente, com destaque para os Estados Unidos, com o intuito de desencorajar a “Operação especial militar” de Vladimir Putin.

Segundo G1 (2023), As recentes sanções representam a mais recente tentativa dos Estados Unidos de intensificar a pressão sobre o presidente russo Vladimir Putin em resposta ao ataque realizado por seu país contra a Ucrânia. Essas medidas foram implementadas durante uma reunião virtual entre o presidente Joe Biden, líderes do G7 e o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, com o propósito de discutir a guerra em curso.

5.2 A UNIÃO EUROPEIA

A União Europeia é um bloco de poder político-econômico formado por cerca de três dezenas de países. São 27 as nações que compõem a União Europeia, uma união política e econômica. Esses países soberanos e independentes optaram por delegar, em certa medida, seus poderes de decisão a um órgão comum, garantindo assim que tais decisões sejam tomadas em âmbito europeu e de maneira democrática. (LOURENÇO, 2022 p. 28 *apud* COMISSÃO EUROPEIA, 2008).

A gênese desse importante conglomerado de nações remonta ao final da 2ª Guerra Mundial, em um momento onde a Europa apresentava um quadro de destruição fruto daquele conflito.

No final da Segunda Guerra Mundial, os países europeus enfrentavam graves dificuldades econômicas, políticas e sociais. Diante dessa situação, surgiu a ideia de uma cooperação econômica como forma de superar a crise. A proposta era que, ao estabelecerem laços comerciais mais estreitos, os países envolvidos se tornariam mutuamente dependentes, reduzindo assim a possibilidade de conflitos entre eles. Nesse contexto, a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) em 1951 pode ser considerada um dos precursores da União Europeia, com o objetivo de garantir uma paz duradoura entre os países membros. Posteriormente, o Tratado de Roma, em 1957, estabeleceu a Comunidade Econômica Europeia (CEE), marcando um marco importante na cooperação econômica entre Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos, que na época totalizavam 30 países (LOURENÇO, 2022 p. 29-30 *apud* COMISSÃO EUROPEIA, 2020).

A União Europeia engloba uma população aproximada de 340 milhões de pessoas. Além disso, o Produto Interno Bruto (PIB) da UE gira em torno de 15 trilhões de euros, atrás somente dos Estados Unidos da América e da China. O Euro é a moeda adotada por 19 (dezenove) países do bloco (COMISSÃO EUROPEIA, 2020).

Segundo Lourenço (2022), com o intuito de reunir de maneira mais eficaz todos os países que integram a União Europeia, foram estabelecidas três instituições principais, com o propósito de deliberar e orientar as decisões de forma democrática nesse bloco. Essas instituições são as seguintes: o Parlamento Europeu, que representa os cidadãos através de parlamentares eleitos diretamente; o Conselho da

União Europeia, que representa os Estados membros; e a Comissão Europeia, encarregada de defender os interesses da União Europeia como um todo.

Assim, nesse contexto de um relevante bloco de poder e, diante da invasão ao território ucraniano perpetrada pela Rússia em fevereiro de 2022, a União Europeia decidiu impor uma série de sanções econômicas a Moscou. Tais medidas têm como objetivo desencorajar as ações de Vladimir Putin e forçar um cessar-fogo:

Em resposta à guerra de agressão contra a Ucrânia, que teve início em 24 de fevereiro de 2022, e à anexação ilegal das regiões ucranianas de Donetsk, Lugansk, Zaporíjia e Quérson, a União Europeia impôs sanções abrangentes e sem precedentes à Rússia. Essas sanções foram adicionadas às medidas já em vigor desde 2014, em decorrência da anexação da Crimeia e do descumprimento dos acordos de Minsk. Elas incluem restrições específicas (sanções individuais), medidas econômicas e ações relacionadas a vistos. O objetivo das sanções econômicas é impor consequências graves à Rússia por suas ações e efetivamente impedir sua capacidade de continuar com a agressão. As sanções individuais visam aqueles responsáveis pelo apoio, financiamento ou execução de ações que comprometam a integridade territorial, a soberania e a independência da Ucrânia, ou aqueles que se beneficiam dessas ações (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2023).

A União Europeia decidiu, então, sancionar 1473 personalidades e 207 entidades russas, dentre os quais pode-se destacar Vladimir Putin, Presidente da Rússia, Sergey Lavrov, Ministro dos Negócios Estrangeiros, bancos e instituições financeiras, partidos políticos, forças armadas, grupos paramilitares, dentre outros (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2023).

As sanções aplicadas a pessoas consistem na proibição de viajar e no congelamento de bens. As sanções impostas às entidades consistem no congelamento de bens. As proibições de viajar impedem as pessoas incluídas na lista de entrar ou transitar pelo território da UE, quer por via terrestre, aérea ou marítima. O congelamento de bens significa que todas as contas detidas em bancos da UE por pessoas e entidades incluídas na lista são congeladas. É igualmente proibido colocar quaisquer fundos ou bens à sua disposição, direta ou indiretamente. Desta forma, garante-se que o seu dinheiro deixa de poder ser utilizado para apoiar o regime russo e que essas pessoas não conseguem encontrar um abrigo seguro na UE. (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2023).

5.3 AS PRINCIPAIS SANÇÕES ECONÔMICAS IMPOSTAS À RÚSSIA

Segundo Kilcrease *et al* (2022), em virtude da Rússia ter invadido a Ucrânia de forma não provocada, os Estados Unidos e seus aliados implementaram um conjunto abrangente de ações punitivas contra a Rússia com uma intensidade e rapidez sem precedentes. Essa frente unida da economia tem o propósito de isolar a 11ª maior economia mundial dos fluxos globais e prejudicar a capacidade de Moscou de manter sua campanha militar, empregando uma série de medidas, tais como sanções financeiras, controle e proibição de importações, congelamento e apreensão de ativos, restrições em relação à dívida e patrimônio, e proibições de viagens.

Assim, de acordo com a CNN-Brasil (2022), os Estados Unidos da América e seus aliados impuseram uma série de sanções econômicas contra Moscou como forma de retaliação à violação da soberania ucraniana no dia 24 de fevereiro de 2022. A seguir, serão abordadas as principais:

5.3.1 Limitação da capacidade da Rússia de fazer negócios em dólares e euros

Essa medida econômica tem o objetivo de limitar a capacidade da Rússia de conduzir negócios e transações financeiras usando as principais moedas internacionais, como o dólar americano, o euro, a libra esterlina e o iene japonês. Com a restrição do acesso a essas moedas, as autoridades aliadas buscam impactar significativamente a economia russa, tornando suas operações comerciais com parceiros internacionais mais difíceis e restringindo seu acesso aos mercados globais. Além disso, a dificuldade em acessar as principais moedas pode comprometer a capacidade do país de honrar suas obrigações de dívida externa e atrair investimentos estrangeiros.

5.3.2 Sanções contra bancos russos

Essa medida restritiva de sanção econômica tem como objetivo direto afetar os bancos russos, que detêm aproximadamente US\$ 1 trilhão em ativos. As autoridades aliadas impuseram essas sanções às instituições financeiras com a intenção de exercer pressão e causar um impacto significativo na economia russa. Tais medidas podem afetar a liquidez e a estabilidade financeira das instituições bancárias russas, tornando suas operações mais difíceis e limitando suas opções de investimento e captação de recursos.

5.3.3 Sanções às elites russas e seus familiares

A medida restritiva de sanção econômica voltada para as elites russas e seus familiares é uma ação com o propósito específico de impactar os círculos de poder e influência dentro do país. Essa abordagem busca exercer pressão sobre os líderes políticos e econômicos russos, assim como seus familiares mais próximos, com o objetivo de que essas lideranças pressionem Vladimir Putin a recuar em sua “operação militar especial”. Essas medidas podem incluir o congelamento de ativos, proibição de viagens, restrições comerciais e outras ações visando limitar suas capacidades de movimentarem recursos e influenciarem a economia russa.

5.3.4 Fechamento do espaço aéreo dos EUA e da UE para aeronaves russas

A medida restritiva de sanção econômica que engloba o bloqueio do espaço aéreo da União Europeia e dos Estados Unidos para todas as aeronaves russas é uma ação com forte impacto na aviação civil e comercial dessa nação. Tal iniciativa busca impedir que as aeronaves russas possam operar livremente nos céus dessas regiões, limitando suas atividades aéreas e causando consequências significativas para as companhias aéreas russas. Tudo isso com o objetivo de aumentar a pressão sobre o presidente Vladimir Putin.

5.3.5 Exclusão dos bancos russos do sistema financeiro SWIFT

A exclusão dos bancos russos do sistema financeiro internacional SWIFT é uma sanção de grande impacto na economia da Rússia. O SWIFT é um sistema global de comunicação financeira utilizado por instituições financeiras ao redor do mundo para facilitar transações internacionais, incluindo transferências de dinheiro, pagamentos e comunicações relacionadas ao setor bancário. Ao retirar a Rússia do SWIFT, os países aliados buscam isolar o sistema financeiro russo do cenário internacional, restringindo sua conexão com o sistema bancário global e dificultando suas atividades financeiras no exterior.

5.3.6 Encerramento dos programas do Banco Mundial

O Banco Mundial é uma instituição financeira internacional que tem como finalidade conceder financiamentos e apoio técnico a nações em desenvolvimento,

com o objetivo de estimular o progresso econômico, reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável. Ao suspender os programas desse banco direcionados à Rússia, os países parceiros procuram limitar o acesso do país a esses recursos financeiros e técnicos, impactando sua habilidade de executar projetos de desenvolvimento e iniciativas sociais.

5.3.7 Encerramento do contrato do gasoduto Nordstream 2

O Gasoduto Sul Stream é uma infraestrutura concebida para conduzir gás natural da Rússia para a Europa, atravessando o Mar Negro. Ao romper o contrato desse gasoduto, as nações aliadas procuram limitar a capacidade da Rússia de exportar gás natural para a Europa, afetando suas receitas e influência na indústria energética da região. Tal medida busca asfixiar a máquina de guerra russa por meio da diminuição da entrada de divisas no país.

Dessa forma, a economia russa sofreu sérias consequências devido às sanções impostas pelos aliados, resultando em saídas de capital e emigração de talentos. As medidas econômicas conjuntas dificultaram ou atrasaram várias transações que poderiam ter sustentado a economia russa, e o Instituto de Finanças Internacionais estima que o PIB da Rússia encolherá este ano. Além disso, as empresas estrangeiras estão deixando o país em massa, com um declínio de 15 por cento, após fecharem ou reduzirem suas operações na Rússia no início de maio (KILCREASE *et al*, 2022).

6 AS AÇÕES TOMADAS PELA RÚSSIA DIANTE DOS DESAFIOS

A Rússia já enfrenta sanções econômicas desde a anexação da Crimeia em 2014. Tais medidas foram impostas, principalmente, pela União Europeia. Com o início da “Operação Militar Especial” de Vladimir Putin, em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia passou a receber ainda mais ações de caráter punitivo. Os Estados Unidos da América e a União Europeia foram os principais agentes promovedores das sanções à Rússia.

Para Gehrke (2023), após a incorporação da Crimeia em 2014, a Rússia adotou uma estratégia gradual de redução das importações de equipamentos militares estrangeiros, especialmente aqueles provenientes de membros da OTAN. Entretanto, uma investigação conduzida pela Rússia revelou que, nos sistemas de armas russos recuperados da Ucrânia, foram identificados pelo menos 450 componentes vitais de origem estrangeira, sendo a maioria proveniente de empresas de microeletrônica dos EUA.

Desde então, Vladimir Putin adotou uma abordagem de economia voltada para a guerra, com o propósito de alcançar uma produção em larga escala de equipamentos militares necessários. Contudo, as forças russas ainda mantêm uma dependência de tecnologias ocidentais avançadas com aplicações duplas. Isso aponta para o fato de que as atuais sanções não conseguiram explorar por completo a lacuna tecnológica existente. Uma das estratégias que o Kremlin emprega para continuar obtendo componentes ocidentais é a reutilização de eletrônicos de consumo básico, como geladeiras e torradeiras, para fins militares. Isso demonstra como o regime atual de sanções não consegue abordar totalmente essa questão (GEHRKE, 2023).

A partir do início da chamada “operação especial militar” por parte da Rússia contra a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022 e as consequentes sanções impostas ao Governo Putin, principalmente, pelos Estados Unidos da América e União Europeia, já abordados anteriormente neste trabalho, a Rússia passou a tomar uma série de medidas com o objetivo de fugir dessas sanções. Dessa forma, aquele presidente eslavo visava a uma maneira de minimizar esses impactos econômicos e manter vivo o seu esforço de guerra contra Kiev.

6.1 MANUTENÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE HIDROCARBONETOS E A DIVERSIFICAÇÃO DOS PARCEIROS COMERCIAIS

Uma das medidas adotadas pela Rússia foi a manutenção das exportações de petróleo e gás bem como a diversificação de parceiros nessas trocas comerciais de produtos energéticos. Nesse interim, destacam-se a China e a Índia, dois dos maiores consumidores de combustíveis fósseis do mundo.

Nos últimos meses, a Rússia viu um aumento notável em suas exportações de carvão e petróleo, direcionando esses recursos principalmente para a Índia e a China. Ao mesmo tempo, os envios para a Europa sofreram uma drástica redução, devido às sanções que foram aplicadas como resposta à invasão da Ucrânia. Esse cenário emerge de um relatório recém-divulgado pelo Centro de Pesquisa em Energia e Ar Limpo (CREA). Esse relatório revela que, entre os meses de fevereiro e agosto, as receitas russas provenientes das vendas de petróleo, gás natural e carvão atingiram aproximadamente 158 bilhões de euros. Dessa quantia, cerca de 54% ainda encontra seu destino na União Europeia, totalizando cerca de 85 bilhões de euros. Este fato demonstra que, apesar das sanções, a dependência do bloco europeu em relação à Rússia persiste (VALOR INVESTE, 2022).

Ainda, segundo o Valor Investe (2022), após a UE, são a China, com 34,9 bilhões de euros, a Turquia, com 10,7 bilhões de euros, e a Índia, com 6,6 bilhões de euros, os principais parceiros comerciais de Moscou na questão dos combustíveis fósseis. No período entre julho e agosto, os países que mais notoriamente ampliaram suas importações foram Índia, China, Emirados Árabes Unidos e Egito, contrastando com os números registrados no início do conflito. O impulso para esse aumento veio, principalmente, das importações de petróleo bruto, enquanto a China também expandiu sua demanda por carvão. Particularmente significativo foi o crescimento das vendas de carvão para Pequim, o qual forneceu algum alívio para a Rússia diante da proibição imposta pela UE sobre essa mercadoria, o que anteriormente havia levado a uma drástica redução nas exportações de carvão para os níveis mais baixos desde o início da invasão. Apesar dos incrementos nas vendas para China e Índia, os volumes totais de exportação sofreram uma queda de 18% em comparação ao período pré-guerra, como apontado no relatório. A UE, por sua vez, reduziu suas importações provenientes da Rússia em 35% desde o início

das hostilidades, tendo inclusive banido o carvão russo em seus 27 países membros, além de estabelecer um próximo embargo às vendas de petróleo, com início previsto para o final deste ano.

Além disso, os parceiros ucranianos da Ásia continuam a receber carregamentos de combustíveis fósseis vindos da Rússia. Ao longo do ano de 2023, o Japão registrou uma média diária de 14 milhões de euros em importações, ao passo que a Coreia do Sul alcançou 10 milhões de euros e Taiwan importou 1,6 milhões de euros. No entanto, esses números experimentaram uma queda considerável de 50%, 60% e 80% respectivamente, quando comparados aos picos observados entre março e abril de 2022. Em contrapartida, os Estados Unidos persistem na prática de trazer produtos químicos sem cumprir com as devidas taxas alfandegárias. A importação de combustíveis fósseis da Rússia pela China, por outro lado, manteve-se estável, mesmo após a proibição do petróleo proveniente da União Europeia. Atualmente, a China ocupa a posição de maior importadora deste recurso, desembolsando um valor por barril superior a qualquer outro importador de petróleo, conforme as estatísticas divulgadas pela alfândega chinesa. Esse cenário deriva de lacunas na execução do limite máximo de preço para o petróleo ao longo da rota que se estende dos portos do extremo leste da Rússia até a China. (CREA, 2023).

Ainda para o Crea (2023), a Índia alcançou o terceiro lugar entre os principais compradores de petróleo russo, logo após a China e a União Europeia, após o início da ofensiva russa contra a Ucrânia, quando praticamente não havia compras antes do conflito. A receita de Putin com a exportação de combustíveis fósseis para a UE diminuiu um ano após a invasão em larga escala da Ucrânia. A proibição do carvão russo pela UE entrou em vigor em agosto de 2022, enquanto a proibição de petróleo bruto e seus derivados marítimos teve início em dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, respectivamente. Embora a UE não tenha imposto sanções ao gás russo, Putin reduziu o fornecimento de gás canalizado, e reduzir a dependência das importações de gás da Rússia para a UE tem sido uma prioridade política importante no último ano. As importações russas de GNL para a UE, porém, ainda não foram sancionadas (CREA, 2023).

As importações indianas, adicionalmente, demonstram um contínuo crescimento em sua magnitude, no entanto, os valores mais reduzidos têm impingido uma restrição nas receitas para a Rússia. Aumentos nos custos de

importação para a Índia têm ocorrido, uma vez que os intermediários têm aproveitado os descontos no petróleo russo. Por outro lado, tanto os Estados Unidos como o Reino Unido diminuíram suas aquisições de combustíveis fósseis provenientes da Rússia a praticamente zero. Porém, os parceiros asiáticos da Ucrânia, de forma contrastante, continuam a trazer para si combustíveis fósseis vindos da Rússia. Durante o ano de 2023, o Japão, diariamente, efetuou importações com uma média de 14 milhões de euros, enquanto a Coreia do Sul e Taiwan registraram, respectivamente, 10 milhões de euros e 1,6 milhões de euros por dia. Essas cifras tiveram uma queda expressiva de 50%, 60% e 80%, sequencialmente, em relação aos pontos culminantes entre março e abril de 2022. De modo similar, os Estados Unidos continuam a trazer produtos químicos que não se enquadram na classificação de "itens petrolíferos". Em nossa monitorização, todos os produtos petrolíferos e químicos que são transportados por navios petroleiros e químicos estão englobados. Sob tal definição, os Estados Unidos figuram entre os principais receptores de petróleo e produtos químicos vindos da Rússia. (CREA, 2023).

Em 2023, antes e depois da proibição de produtos petrolíferos da UE, Turquia, Emirados Árabes Unidos e Marrocos emergiram como os principais importadores de produtos petrolíferos da Rússia. Uma longa lista de compradores menores também surgiu, incluindo Tunísia, Brasil, Egito e Argélia. Isso reflete as características dos derivados de petróleo - eles são mais fáceis de importar para mercados diferentes do que o petróleo bruto, pois não é necessária uma capacidade de refinaria adequada, mas as distâncias de transporte são normalmente mais curtas devido ao tamanho menor dos navios-tanque. As exportações de derivados de petróleo ocorrem quase exclusivamente a partir de portos nos mares Báltico e Negro e são fortemente controladas pela indústria naval (CREA, 2023).

6.2 UTILIZAÇÃO DO CROSS-BORDER INTERBANK PAYMENT SYSTEM (CIPS) EM SUBSTITUIÇÃO AO SISTEMA SWIFT

Como abordado no capítulo anterior deste trabalho, o SWIFT, segundo Fernandes e Carvalho (2023), atua como um sistema de comunicação entre instituições bancárias. O SWIFT desempenha um papel muito importante. Seu

funcionamento difere do mero transporte de fundos, pois se concentra na transmissão de ordens de pagamento por meio de códigos SWIFT específicos. Com uma abrangência impressionante, a rede SWIFT, que é o maior sistema de comunicação financeira do mundo, engloba mais de 11.000 participantes provenientes de mais de 200 países. Esse sistema intrincado e interconectado tem uma relação direta com a economia global, uma vez que inúmeras nações utilizam-no para enviar e receber ordens de pagamento cotidianamente.

Ainda, de acordo com Fernandes e Carvalho (2023) apud Washington Post (2022), o CIPS foi criado em outubro de 2015 e emergiu como um mecanismo de liquidação e compensação de pagamentos aplicado em transações que envolvem o renminbi. A supervisão do sistema recai sobre o Banco do Povo da China (PBoC), porém sua gestão é da responsabilidade da CIPS Co. Ltd em Xangai. Sua adoção tem crescido de maneira contínua, com um montante médio diário de transações atingindo 388,8 bilhões de RMB (equivalente a US\$ 61,3 bilhões) durante fevereiro de 2022, representando um incremento de aproximadamente 50% em comparação ao ano anterior.

Nesse contexto, após o recrudescimento das sanções econômicas impostas à Rússia após a “Operação Militar Especial”, assim chamada por Putin a invasão à Ucrânia, Moscou foi banida do sistema SWIFT e tal medida restringiu a capacidade de diversos agentes rusos, incluindo o próprio Estado, de realizar trocas comerciais com o mundo.

Essa sequência de eventos levou a Rússia, assim como a outras nações, a considerar a possibilidade de se encontrarem na mesma situação, impelindo-os a explorar alternativas inovadoras. Essas alternativas podem englobar a formulação de um substituto para o sistema SWIFT, destinado a transmitir diretrizes para transações interbancárias; assim, buscar um mecanismo distinto ao dólar para designar e realizar tais transações. De forma particular, os países estão direcionando seu olhar à China, que, além de ser uma potência no âmbito financeiro, instituiu sua própria plataforma de compensação para operações internacionais, e empreendeu uma iniciativa para promover uma disseminação mais ampla de sua moeda no cenário internacional (FERNANDES; DE CARVALHO, 2023 *apud* EICHGREEN, 2022).

A partir de abril de 2020, mediante o CIPS, a Rússia adotou o renminbi como meio de pagamento para suas exportações de petróleo e carvão destinadas à China. O renminbi fornecido ao banco central russo também tinha a função de contribuir para a estabilização da taxa de câmbio do rublo. Uma inovação notável ocorreu quando a Rússia decidiu cessar o recebimento de dólares como pagamento por suas exportações à China, optando por receber euros (FERNADES; DE CARVALHO, 2023 *apud* YEUNG; GOH, 2022).

Dessa forma, a China desempenha uma função essencial na sustentação da economia russa. Isso deriva do fato de que a China apresenta uma demanda substancial por recursos naturais, incluindo petróleo e gás, os quais a Rússia é um dos principais produtores. Nesse sentido, a China solidificou sua posição como o principal importador de petróleo russo, bem como um significativo comprador de gás natural do país. Com um foco em fomentar conexões, a China também investiu em projetos de infraestrutura na Rússia, abrangendo a construção de pontes, estradas e sistemas ferroviários. Esses investimentos desempenharam um papel crucial ao impulsionar a economia russa e criar novas oportunidades de emprego. Mesmo diante de eventuais tensões, a China e a Rússia se empenharam em fortalecer sua aliança econômica. No ano de 2020, ambos os países lançaram um fundo conjunto de investimento com um montante de US\$ 1 bilhão, destinado a financiar projetos em setores como tecnologia e inovação. Além desse aspecto, a China tem dirigido esforços para expandir sua influência na África, que é rica em recursos naturais e tem sido alvo de disputas entre Rússia e Estados Unidos. Consequentemente, a China tem efetuado investimentos em portos e outras formas de infraestrutura na região, o que pode, por sua vez, proporcionar um impulso adicional à economia russa (FERNADES; DE CARVALHO, 2023 *apud* HE, 2023).

6.3 AUMENTO DAS RESERVAS DE OURO

A Rússia aumentou consideravelmente suas reservas de ouro. Para Oliveira (2022), desde o momento em que a crise na região da Crimeia se manifestou em 2014, houve uma notável elevação tanto nas reservas de câmbio quanto nas reservas de ouro mantidas pelo Banco Central Russo. Ao longo dos últimos oito anos, a autoridade monetária russa ampliou significativamente suas reservas de

ouro, incrementando-as em mais de US\$ 100 bilhões, alcançando um montante de aproximadamente US\$ 132 bilhões no presente momento. Isso parece sugerir que a Rússia se preparou de forma previdente para situações como a atual, visando estabelecer uma base monetária robusta que permita enfrentar possíveis sanções por parte do Ocidente.

Para a Agência Brasil (2022), o governo russo optou por intensificar as aquisições de ouro no que se refere às reservas internacionais, com o objetivo de diminuir a dependência das moedas ocidentais. Nos anos recentes, a nação procedeu à diversificação das reservas externas, realizando a liquidação de títulos norte-americanos, reduzindo a aquisição de dólares e euros, e destinando investimentos a metais preciosos e à moeda chinesa, o yuan. Neste momento, aproximadamente 25% das reservas internacionais da Rússia são representadas por ouro mantido em território nacional, enquanto que 15% estão alocados em moeda chinesa.

6.4 AÇÕES VOLTADAS PARA O PÚBLICO INTERNO

Para Sebastian (2022), até recentemente, o Instagram desfrutava do papel de principal rede social na Rússia em termos de usuários mensais. Em segundo lugar, encontrava-se o Vkontakte, a versão doméstica do Facebook na nação. A partir da invasão, e mais notadamente desde o recente bloqueio do acesso ao Facebook e ao Instagram pelo regulador de comunicações russo, a Vkontakte vem concentrando esforços para atrair criadores de conteúdo para sua plataforma. Com o intuito de incentivar essa migração, a companhia está dispensando sua comissão sobre qualquer conteúdo monetizado até o término de abril, além de proporcionar promoção gratuita em sua plataforma para criadores de conteúdo que fizeram a mudança de outras plataformas ou reativaram suas páginas após 1º de março. Os próprios dados fornecidos pela Vkontakte indicam que essa estratégia pode estar surtindo efeito, já que o número de usuários mensais alcançou uma marca recorde de mais de 100 milhões em março. Em contrapartida, de acordo com a Brand Analytics, o Instagram sofreu uma redução de quase 50% em seu contingente de usuários ativos de língua russa entre 24 de fevereiro e 6 de abril.

Outra ação interna russa diz respeito ao fortalecimento do sistema de cartões de crédito locais. O Sistema Nacional de Cartões de Pagamento da Rússia e o sistema bancário derivado dele, o "Mir", experimentaram um crescimento notável. Segundo informações do banco central russo, mais de 113 milhões de cartões Mir foram emitidos durante o ano de 2021, representando um aumento substancial em relação ao total de 1,76 milhão ao final de 2016. No último ano, aproximadamente um quarto de todas as transações com cartão na Rússia foram conduzidas por meio de cartões Mir. De acordo com analistas, esse desenvolvimento foi em parte estrategicamente planejado pela Rússia. Em vez disso, o governo estabeleceu a obrigatoriedade do uso do cartão Mir para funcionários do setor público, aposentados e todos aqueles que recebiam benefícios. Essa medida resultou na existência de uma alternativa já em vigor quando, no início de março, Visa e Mastercard anunciaram a suspensão de transações e operações na Rússia (SEBASTIAN, 2022).

A geração de empregos por meio de obras públicas também constitui o arcabouço russo no enfrentamento das sanções econômicas, uma vez que houve desemprego em massa a partir do fechamento de diversas empresas ocidentais. Ainda, para Sebastian (2022), as opções delineadas abarcam a administração de documentos oficiais, como passaportes e certidões de nascimento, bem como oportunidades em parques urbanos ou em centros temporários de saúde que foram estabelecidos recentemente pela cidade. A alocação de cerca de US\$ 41 milhões está destinada à criação desses empregos e à requalificação dos trabalhadores. Até o presente momento, a Rússia foi capaz de enfrentar a primeira onda de impacto das sanções ocidentais sem que sua estrutura financeira se desintegrasse. Essa resiliência é amplamente atribuída ao papel desempenhado pelo banco central, que adotou uma abordagem imediata de aumento das taxas de juros para 20% (posteriormente reduzindo-as para 17%) e implementou controles rigorosos sobre o fluxo de capitais.

6.5 “DESDOLARIZAÇÃO” DA ECONOMIA RUSSA

Antes do conflito de fevereiro de 2022, segundo a Você S/A (2020), a proporção do dólar nas transações bilaterais entre Rússia e China registrou um

declínio, situando-se abaixo dos 50%. Informações do Banco Central da Rússia revelam que a moeda norte-americana foi utilizada em 46% das operações comerciais entre os dois países. Comparativamente, esse índice estava em 90% em 2015. Desde 2014, em virtude do aumento das tensões com os Estados Unidos, os governos russo e chinês têm concentrado esforços na desvinculação do dólar de suas economias. Entre as estratégias adotadas, destaca-se um acordo que possibilita o acesso mútuo às moedas sem a necessidade de compra no mercado cambial. Conseqüentemente, as moedas nacionais de ambos os países passaram a representar 24% das transações comerciais.

Para além da implementação de moedas nacionais nas transações bilaterais, a Rússia está em processo de substituição do dólar norte-americano pelo renminbi (a moeda chinesa) em suas reservas financeiras. Em 2019, o Banco Central da Rússia informou ter reduzido pela metade a alocação de ativos em dólares, totalizando cerca de US\$ 101 bilhões. Como resultado, a moeda chinesa conquistou um papel mais proeminente nas reservas cambiais do país liderado por Vladimir Putin, expandindo de 5% para 15% (VOCÊ S/A, 2020).

Segundo Cunha et al (2023), neste momento, as lideranças de nações em desenvolvimento e emergentes têm expressado críticas de maneira mais proeminente em relação ao papel global do dólar. Uma confluência de fatores parece elucidar o surgimento recente de prognósticos que indicam uma iminente decadência da supremacia do dólar. Com a eclosão do conflito na Ucrânia, a aplicação de pressões financeiras à Rússia aprofundou-se, englobando o bloqueio parcial de suas reservas oficiais e ativos pertencentes a indivíduos depositados em instituições bancárias internacionais. Medidas como a exclusão de bancos russos da plataforma Swift, que facilita transações e pagamentos globais, além da suspensão de transações por parte de operadoras de cartão de crédito ocidentais, estão entre as diversas ações e sanções econômicas adotadas.

Ainda, para Cunha et al (2023), de maneira explícita, Vladimir Putin ressalta que os Estados Unidos empregam tanto sua moeda quanto as instituições financeiras que estão sob sua influência como ferramentas com o intuito de exercer pressão sobre aqueles que desafiam sua supremacia. O presidente russo advoga pela necessidade de desenvolver alternativas, o que englobaria a expansão do uso do renminbi (RMB) e da estrutura institucional chinesa – como plataformas de

pagamento, a exemplo do Cross-Border Interbank Payment System (CIPS), bem como acordos de swap e de liquidez, operadoras de cartão de crédito, bancos, instrumentos digitais e, em relação ao BRICS, a criação de uma moeda.

7 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar as ações da Rússia no enfrentamento das sanções econômicas que vem sofrendo desde que atacou a Ucrânia em 24 fevereiro de 2022 e em que medida essas ações ajudaram a manter o esforço de guerra russo. Para tanto, foram levantados alguns objetivos intermediários como apresentar um recorte da Rússia no século XXI; apresentar um recorte da Guerra na Ucrânia; e apresentar os Estados Unidos da América, a União Europeia e as sanções impostas à Rússia.

Foi possível observar que a Rússia vem enfrentando sanções desde a anexação da Crimeia em 2014. Com os ataques de 24 de fevereiro de 2022, tais medidas foram intensificadas. Assim, a Rússia diversificou seus parceiros comerciais, distanciando-se dos países do ocidente e aumentou, consideravelmente, suas exportações de hidrocarbonetos para a China e a Índia, o que vem permitindo a manutenção do seu esforço de guerra. Além disso, apesar das sanções, alguns países europeus ainda adquirem commodities eslavas como o carvão.

Verificou-se que a Rússia, após a sua exclusão do sistema interbancário SWIFT, passou a utilizar o Cross-border Interbank Payment System (CIPS). Esse sistema de ligação entre bancos de origem chinesa cresceu consideravelmente nos últimos anos e permitiu que a Rússia e suas instituições bancárias consigam concretizar suas trocas comerciais, alimentando a máquina de guerra de Moscou.

Outra importante ação da Rússia em resposta às sanções econômicas do ocidente foi o aumento das suas reservas de ouro em mais de US\$ 100 bilhões, totalizando cerca de US\$ 132 bilhões atualmente, em resposta à crise na região da Crimeia que se manifestou em 2014. Esse movimento indica uma preparação cautelosa para enfrentar possíveis sanções do Ocidente, fortalecendo sua base monetária e preparando o país para um esforço de guerra.

Observou-se que a Vladimir Putin, com o fito de manter sua popularidade em níveis aceitáveis, implementou ações internas para mitigar os impactos das sanções econômicas que os Estados Unidos da Américas e a União Europeia impuseram-lhe. Tais medida incluem, dentre outras, a criação de empregos por meio de obras públicas, o fortalecimento do MIR, sistema de cartão de crédito eslavo, e o estímulo

da rede social russa Vkontakte. Assim, Putin busca aumentar seu apoio popular e, em certa medida, legitimar suas ações na Ucrânia.

Foi observado que outra medida que a Rússia vem adotando no contexto das sanções econômicas impostas pelo ocidente foi a diminuição da dependência do dólar americano nas trocas comerciais internacionais. O governo russo, em parceria com o análogo chinês, buscou reduzir seus vínculos ao dólar, com estratégias como o acesso mútuo às moedas nacionais, representando 24% das transações comerciais, substituindo a moeda americana pelo renminbi. Assim, Putin visa à manutenção do fluxo financeiro fundamental para o conflito que trava, por procuração, com o Ocidente.

Diante do que foi exposto, verificou-se que as sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia tiveram como objetivo desencorajar a Vladimir Putin a manter seu ataque contra o território ucraniano. Aquelas medidas foram uma forma de pressionar a Rússia a adotar ações diplomáticas e políticas para resolver o conflito de maneira pacífica, em vez de recorrer à força militar. Além disso, as sanções buscaram impor um custo político-econômico aos russos, prejudicando sua economia e limitando seu acesso ao comércio mundial. Outro aspecto importante das sanções que foi que essas medidas buscaram, também, enfraquecer o capital político de Vladimir Putin por meio do aumento da insatisfação do público interno de seu país, uma vez que a população passaria por sérias dificuldades econômico-financeiras. Tudo isso com o finalidade de impactar negativamente o esforço de guerra russo.

Conclui-se que as ações adotadas pela Rússia com o objetivo de driblar as sanções econômicas impostas pela União Europeia e pelos Estados Unidos da América, já abordadas neste trabalho, vêm permitindo que o esforço de guerra russo seja mantido. Deduz-se tal assertiva porque Moscou é alvo daquelas medidas punitivas no campo econômico desde quando anexou a Crimeia em 2014 e tais sanções foram intensificadas após o dia 24 de fevereiro de 2022. É lícito inferir que Vladimir Putin já vinha, em certa medida, preparando a economia do seu país para enfrentar sanções e alimentar seu esforço de guerra naquilo que parece ser uma campanha expansionista.

Este trabalho poderá servir de subsídio para pesquisas futuras que tragam como tema assuntos relacionados à geopolítica, mais especificamente o conflito

entre a Ucrânia e a Rússia no que se refere ao nível político-estratégico. Essa Guerra no leste da Europa mostrou-se muito importante para os profissionais das armas, uma vez que diversos ensinamentos, sejam no nível tático, político ou estratégico, vêm sendo colhidos com o transcorrer da contenda.

Por fim, a análise das ações russas no enfrentamento das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia mostrou que a principal herdeira da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas constituiu-se em um importante polo de poder no concerto das nações em uma Ordem Mundial Multipolar. Além disso, evidenciou que os rumos da contenda entre Rússia e Ucrânia são incertos, uma vez que os russos prepararam-se para tal conflito e o Ocidente, principalmente os norte-americanos e membros da União Europeia, alimentam o esforço de guerra ucraniano.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos.** 2008.

ALBUQUERQUE, Fernanda Patrícia Silva et al. **A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional.** Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad, v. 16, n. 1, p. 125-152, 2021.

ALCOFORADO, Fernando. **A Crise Mundial de 2008 e suas consequências econômicas, sociais e geopolíticas.** Salvador. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/falcoforado/a-crise-mundial-de-2008-e-suasconsequencias-econmicas-sociais-e-geopolticas>>. Acesso em 14 de abril de 2023.

ALMEIDA NETO, Getúlio Alves de. **O poder pela força: análise da reforma militar russa e sua relação com o posicionamento internacional do país.** 2021

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. **A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia.** Série Conflitos Internacionais, v. 9, n. 1, 2022.

BARBOZA, Carlos Eduardo de Matos. **A estratégia russa no conflito da Ucrânia: contribuições para a doutrina militar brasileira.** 2018.

BRAUN, Julia. **Qual o papel da Otan no confronto entre Rússia e Ucrânia?** BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60580704> >. Acesso em 11 de abril de 2023.

BUSINESS, M. T., Junko Ogura, Hira Humayun, Caitlin McGee, Isaac Yee, Eric Cheung, Sam Fossum and Niamh Kennedy, CNN. **The list of global sanctions on Russia for the war in Ukraine.** Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2022/02/25/business/list-global-sanctions-russia-ukraine-war-intl-hnk/index.html>>. Acesso em: 25 de julho 2023.

CAVALLINI, Marta. **PIB dos EUA cresce 2,1% em 2022 e 2,9% no 4º trimestre.** G1, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/01/26/pib-dos-eua-cresce-29percent-no-4o-trimestre-de-2022.ghtml>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

CASTRO, Rogerio Alex Aquino de Castro. **O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina.** 2018.

China e Rússia se unem para desdolarizar suas economias. Disponível em: <<https://vocaes.abril.com.br/economia/china-e-russia-se-unem-para-desdolarizar-suas-economias>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

COMISSÃO EUROPEIA. **Como Funciona a União Europeia: Guia das instituições da União Europeia.** Direção-Geral da Comunicação Bruxelas, Bélgica Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, 2008. Disponível em: <<https://op.europa.eu/webpub/com/eu-what-it-is/pt/>>. Acesso em: 21 abril 2023.

COMISSÃO EUROPEIA. **A União Europeia: O que é e o que faz.** Diretoria-Geral da Comunicação. Bruxelas. Serviço das Publicações da União Europeia, 2020.

Conheça a Ucrânia, um país que sobrevive sob a sombra da Rússia. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60525870>>. Acesso em 19 de abril de 2023.

Congelamento de reservas externas ameaça economia russa. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-03/congelamento-de-reservas-externas-ameaca-economia-russa>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Sanções da UE contra a Rússia explicadas.** Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/sanctions/restrictive-measures-against-russia-over-ukraine/sanctions-against-russia-explained/sanctions>>. Acesso em: 21 abril 2023.

CUNHA, André Moreira; PERUFFO, Luiza; FERRARI, Andrés. **Os BRICS e a “Desdolarização”.** O ocaso do dólar?, UFRGS, 22 maio 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fce/os-brics-e-a-desdolarizacao/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

DA SILVA RODRIGUES, Fernando. **Anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégica da Rússia.** Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica, v. 19, n. 1, p. 33-49, 2021.

DE ALMEIDA NETO, Getúlio Alves; MAKIO, Danielle Amaral. **Guerra Civil no Leste da Ucrânia.** Dossiê de Conflitos Contemporâneos, 2020.

DEFESA, R. F. DE. **A escuridão pela frente: Para onde vai a guerra na Ucrânia.** Disponível em: <<https://www.forte.jor.br/2023/07/20/a-escuridao-pela-frente-para-onde-vai-a-guerra-na-ucrania/#asterisco>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

DE SOUSA, Fábio Barros. **A atuação geopolítica da Rússia na manutenção do regime bolivariano na Venezuela.** 2020.

Eichgreen, B. (2022) **Sanctions, Swift, And China’s Cross-Border Interbank Payments System.** Center For Strategic & International Studies Briefs, 20 de maio. Disponível em: < <https://www.csis.org/analysis/sanctions-swift-and-chinas-cross-border-interbankpayments-system>>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

EUA apresentam novas sanções a executivos russos do Gazprombank. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/05/08/eua-apresenta-novas-sancoes-a-executivos-russos-do-gazprombank.ghtml>> Acesso em: 18 de julho de 2023.

FERNANDES, H., 2016. **As Novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida**. Revista de Ciências Militares, novembro de 2016 IV (2), pp. 13-40. Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>.

FERNANDES, Marcelo Pereira; DE CARVALHO, Matheus Pedro. **O cross-border interbank payments system (CIPS) e seus Impactos no sistema financeiro internacional**. 2023.

FIORI, José Luis. **A transformação mundial e a ressurreição russa do século XXI**. Bresser Pereira Website, São Paulo, ago, 2017.

GAMALHO, Andrei Palagi. **Entre asserção e equilíbrio: uma análise sobre a política externa russa na era Putin entre 1999 e 2019**. 2020.

GEHRKE, Tobias. **Economic peacefare: Lessons for the future of European sanctions strategy**. European Council on Foreign Relations. 2023. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/economic-peacefare-lessons-for-the-future-of-european-sanctions-strategy/> Acesso em: 26 abr. 2023.

GOLTS; Alexander; PUTNAM, Tonya. **State Militarism and Its Legacies: Why Military Reform Has Failed in Russia**. Quarterly Journal: International Security, v. 29, n. 2. Fall 2004, p. 121-158.

GOMES DE AZEVEDO; PEREIRA CARNEIRO FILHO. **A geopolítica por trás do conflito da Ucrânia: a ocupação russa e os interesses dos Estados Unidos na Europa**. Élisée - Revista de Geografia da UEG, v. 11, n. 02, p. e112223, 17 ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31668/elisee.v11i02.13321>. Acesso em: 26 abr. 2023.

GOENBURG, Dmitry et al. U) **A Technological Divorce: The impact of sanctions and the end of cooperation on Russia's technology and AI sector**. 2022.

HE, Laura (2023). **Saiba como a China vem ajudando a sustentar a economia russa**. CNN Brasil, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/saiba-como-a-china-vem-ajudando-a-sustentar-a-economia-russa/>. Acesso em 09 de agosto de 2023.

JÚNIOR, Augusto WM Teixeira. **Postura Estratégica da Rússia e Uso da Força no Século XXI**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica, v. 10, n. 4, p. 5-20, 2018.

KILCREASE, Emily; BARTLETT, Jason; WONG, Mason. **Sanctions by the Numbers: Economic Measures against Russia Following Its 2022 Invasion of Ukraine**. Center for a New American Security, 2022.

LADEIRA, Sálvio. **1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa**. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania->

russia/noticia/2023/02/24/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa.ghml>. Acesso em 13 de abril de 2023.

King Charles III warns Europe's security under threat in landmark German speech. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/europe/20230330-live-charles-iii-addresses-german-parliament-during-first-trip-abroad-as-king>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, Joilson Silva. **Crise da Criméia (2014): aspectos da Ordem Mundial e Lições para o Brasil**. Monografia. Rio de Janeiro: ESG, 2019.

LOUREIRO, Felipe. D'ANIERI, Paul. **Linha Vermelha: A guerra na Ucrânia e as relações internacionais do século 21**. Capítulo 2: Ucrânia e Rússia: Dos Acordos de Minsk à invasão de 2022; Campinas: Editora UNICAMP, 2022.

LOUREIRO, Felipe et al. **Linha Vermelha: A guerra na Ucrânia e as relações internacionais do século 21**; Campinas: Editora UNICAMP, 2022.

LOUREIRO, Felipe. GOMES FILHO, Paulo Roberto da Silva. **Linha Vermelha: A guerra na Ucrânia e as relações internacionais do século 21**. Capítulo 5: As operações militares russas na Ucrânia; Campinas: Editora UNICAMP, 2022.

LOURENÇO, Carlos Eduardo da Silva. **Os impactos para os países membros da União Europeia decorrentes dos deslocamentos populacionais originados pelos conflitos do pós-Primavera Árabe**. 2022.

MEARSHEIMER, J. J. **The Darkness Ahead: Where The Ukraine War Is Headed**. Disponível em: <<https://mearsheimer.substack.com/p/the-darkness-ahead-where-the-ukraine>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MIELNICZUK, Fabiano. **O conflito entre Rússia e Geórgia: uma revisão histórica**. Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 157-166, 2013.

NATO, 2015. **Hybrid Warfare: NATO's New Strategic Challenge?**, Brussels: NATO Parliamentary Assembly. Disponível em: <[https://www.nato-pa.int/HYBRID-WARFARE: NATO'S NEW STRATEGIC CHALLENGE?/](https://www.nato-pa.int/HYBRID-WARFARE-NATO'S-NEW-STRATEGIC-CHALLENGE?/)> Acesso em: 10 de julho 2023.

OLIVEIRA, M. DE. **Rússia elevou reservas em ouro em US\$ 100 bilhões**. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/russia-elevou-reservas-em-ouro-em-us-100-bilhoes/>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

One year on, who is funding Russia's war in Ukraine? **CREA - Centre For Reserche on Energy and Clear air**, 2022. Disponível em: <<https://energyandcleanair.org/publication/one-year-on-who-is-funding-russias-war-in-ukraine/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2023.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"A importância estratégica da Crimeia"**; Brasil Escola. Disponível em . Acesso em: 11 de julho de 2023.

QUADROS, Bruno. Quadros e. **A Rússia como poder reemergente no século XXI: uma problematização do conceito de "emergente" em perspectiva histórica**. In Proceedings of the 3rd ENABRI, v. 3, 2011.

REIS, Tácio Nepomuceno. **A geopolítica da Rússia: uma análise através da geopolítica clássica e do choque de civilizações**. 2015.

Relação entre Rússia e Ucrânia tem histórico de tensão; relembre os fatos. CNN BRASIL, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/relacao-entre-russia-e-ucrania-tem-historico-de-tensao-relembre-os-fatos>>. Acesso em 10 de abril de 2023.

Rússia aumentou venda de petróleo para Índia e China durante o verão, aponta relatório. VALOR INTESTE, 2022. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/09/06/russia-aumentou-venda-de-petroleo-para-india-e-china-durante-o-verao-aponta-relatorio.ghtml>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

Rússia tem 4 soldados para cada militar ucraniano. Poder 360, 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/russia-tem-4-soldados-para-cada-ucraniano-compare-as-tropas/>>. Acesso em 31 de maio de 2023.

SARUBI FILHO, Dante. **Uma nova geopolítica mundial (Pós 2008)-o papel da Eurásia**. 2019.

SEGRILLO, Angelo. **A Nova Rússia: Balanço e Desafios**. In: Fundação Alexandre de Gusmão - Ministério das Relações Exteriores. (Org.). II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional, 5-6 nov. 2007. Brasília: FUNAG, 2008, p. 89-109.

SEBASTIAN, Clare. **4 caminhos adotados por empresários e líderes russos para tentar driblar as sanções**. CNN-Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/4-caminhos-adotados-por-empresarios-e-lideres-russos-para-tentar-driblar-sancoes/>> . Acesso em: 10 de agosto de 2023.

TORTELLA, Tiago. **Entenda as sanções econômicas dos EUA e aliados contra a Rússia**. CNN-Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/joe-biden-faz-pronunciamento-sobre-invasao-a-ucrania>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

UKRAINE. Encyclopedia Britannica, Europe 2018. Disponível em:<<https://www.britannica.com/place/Ukraine/The-Maidan-protest-movement>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

VOHRA, A. **The West Is Preparing for Russia's Disintegration.** Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2023/04/17/the-west-is-preparing-for-russias-disintegration/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

What sanctions have been imposed on Russia and what could come next? Disponível em: <<https://www.euronews.com/next/2022/03/05/ukraine-war-what-sanctions-have-been-imposed-on-russia-and-what-could-come-next>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

YEUNG, Raymond; GOH, Khoon. (2022). **“Petroyuan Will Not Bring About a Regime Shift Soon.”** Anz Research, China Insight, 6 de abril.